

“Diante do cavalete, eu tinha então a força para ficar durante horas. Tive uma paciência incrível, principalmente **porque** pintei em formatos muito pequenos. Muitas pessoas, depois de terem visto minha pintura em fotografias, ficaram impressionadas **quando** se defrontaram com sua realidade: imaginavam quadros grandes, **e** viram-se diante de pinturas de trinta centímetros por quarenta, às vezes, menos, raramente mais do que isso.

Todo um mundo miniaturizado. Não podemos, então, nos permitir fazê-lo com grandes pinceladas, **pois** isso requer uma atenção especial **e** dá mais câibras na mão.

[...]

Às vezes, pergunto-me se minha pintura não foi, pela maneira **como** a conduzi, mais parecida com a obra de um escritor do que de um pintor. Uma espécie de diário, a correspondência de toda uma vida. O primeiro seria o lugar onde eu teria libertado minha imaginação, **tanto quanto** analisado meus feitos e gestos, pela segunda, eu teria dado notícias de mim, simplesmente, aos entes queridos. Aliás, meus quadros, eu os ofereci quase todos, sempre foram destinados a alguém **desde** o começo. **Como** cartas.

Minha obra: a biografia mais completa que jamais poderia ser feita sobre mim.”

JAMIS, Rauda. Frida Kahlo. 3 ed. São Paulo : Martins Fontes, 2015. p. 230-232.